

Prezado(a) candidato(a):

Assine e coloque seu número de inscrição no quadro abaixo. Preencha, com traços firmes, o espaço reservado a cada opção na folha de resposta.

**Nº de Inscrição**

**Nome**

**PROVA DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA**

LEIA O TEXTO A SEGUIR E RESPONDA ÀS QUESTÕES DE 01 A 08.

**MÍDIA E IMPARCIALIDADE**

**A INVENÇÃO DA REALIDADE**

por Marcilene Forechi em 2/10/2006

Defender a tese da notícia como construção da realidade e não como um espelho já rendeu algumas discussões acaloradas com colegas de profissão que não conseguem entender – ou se recusam a refletir sobre – esta história “de inventar a realidade”. De fato, ninguém inventou a violência em São Paulo, o seqüestro do repórter da Rede Globo, a máfia dos sanguessugas, os ataques no Líbano ou, mais recentemente, a compra de dossiês. São fatos, estão ocorrendo e, de certa maneira, têm afetado a vida de todos. Por que, então, insistir na tese de que a imprensa inventa, cria, constrói uma ou várias realidades a partir de suas narrativas?

Assim como não há uma verdade capaz de dar conta da totalidade de um fato ou de uma situação, não há também possibilidade de uma pessoa, por mais bem intencionada que seja, dar conta de descrever o que vê de forma inocente. As narrativas são sempre híbridas no sentido de que se constituem em uma teia de outras narrativas que tomam forma no discurso de quem as produz. O discurso da imprensa chega à sociedade sob o manto da imparcialidade, da verdade e da objetividade. São discursos produzidos por seres que não olham de fora a realidade, como observadores privilegiados, mas, antes, se encontram inseridos nela com todas as subjetividades que os compõem.

Ao falar de objetividade, seria interessante levar em conta o contexto em que ela surgiu como um atributo do jornalismo e destacar que não se pretendeu, ao evidenciá-la naquele momento, negar a subjetividade. Nelson Traquina, pesquisador português, fala no seu livro *Teorias do jornalismo* (Editora Insular, 2005) que a objetividade surgiu no fim do século 19 como um antídoto para os males que o jornalismo sofria, como perda de credibilidade. Assim, a objetividade se constituiu como uma série de procedimentos capazes de assegurar o exercício do jornalismo com credibilidade.

**Ritual estratégico**

Essa compreensão é importante, pois a crença na verdade dos fatos como um dos pilares do jornalismo contemporâneo foi também “uma invenção”, num determinado momento histórico e em um contexto de mudanças e transformações. No início do século 19, com o desenvolvimento da imprensa, o jornalismo como informação ganhou espaço em detrimento do jornalismo opinativo ou literário, forma como era praticado. Foi no século 19, portanto, que surgiu o paradigma do jornalismo e a figura do

jornalista como um profissional que reivindicava o monopólio de saber o que é notícia e de dominar a forma de produzi-la.

Nelson Traquina diz que o novo jornalismo passou a viver, então, o culto dos fatos, ancorado no pensamento positivista reinante na época. A notícia passou a ser produzida regida pelos fetiches da objetividade e da imparcialidade. A imagem do comunicador neutro e desinteressado surgiu como ideal para configurar a atividade que se mostrava ao mundo como o espelho da realidade. Por isso, diante de um fato, o jornalista teria que buscar mais de uma versão, ouvir o outro lado. Essa seria a garantia de que sua opinião não prevaleceria e seria dada oportunidade a que todas as partes envolvidas se manifestassem.

A objetividade, dessa forma, pode ser encarada como um ritual estratégico capaz de garantir que certos procedimentos serão utilizados na produção das notícias. O culto à objetividade foi a forma encontrada para situar o jornalismo dentro de um campo que merecesse o reconhecimento da ciência, que via o jornalista como um simples transmissor de informações carente de fundamentação que pudesse elevá-lo a um nível mais privilegiado. Essa forma de encarar a objetividade em oposição à subjetividade pode levar a crer que os fatos são descritos tal e qual ocorreram. Como explicar, então, o uso de qualificações como gangues, galeras, criminoso e menor em determinadas situações em que seria possível informar sem utilizar tais adjetivos?

### **Sujeitos ativos**

O jornalista crê que sabe identificar o que é notícia e faz isso baseado nos ditos valores-notícia e na fórmula de ouvir os dois lados como modo de garantir a isenção necessária para o bom exercício da profissão. O jornalista, que supostamente detém um conhecimento que permite a ele identificar o que é notícia, produz narrativas sobre os fatos de modo que elas pareçam isentas e objetivas. A escolha do lide pode ser considerada o calcanhar de Aquiles do mito da objetividade. Afinal, que critérios objetivos são utilizados para escolher o que é mais importante em um fato que é narrado?

O jornalista diante de duas versões de um mesmo fato ou diante de mais de uma possibilidade de abordagem pode optar por narrar as duas e se isentar de possíveis ataques à sua parcialidade. Ele de certa forma lava as mãos e usa o argumento de que foi objetivo e ouviu os dois lados da questão. Essa imparcialidade é impossível, pois ao apresentar determinados aspectos da realidade, sob a forma de notícias, o jornalismo constrói novas realidades e novos referentes. A noção de verdade, tão cara ao jornalismo, está ligada à idéia de uma realidade que está pronta em algum lugar e que pode ser apreendida utilizando-se os critérios da imparcialidade e da objetividade. Ocorre que, ao buscar informações na imprensa diária, o cidadão comum nem sempre se dá conta de que as informações que recebe foram lidas, recortadas e selecionadas. Na perspectiva da notícia como construção, é impossível separar a realidade de sua produção, uma vez que as notícias são peças que ajudam na construção dessa realidade.

Outro argumento em favor da tese da notícia como construção é a falta de neutralidade da linguagem, que não pode funcionar como transmissora direta de significados. No jogo de sombras que se faz na imprensa, a verdade surge por um ângulo específico que traz imbricada em sua narrativa uma série de outras verdades subjetivas do sujeito que narra. Acho no mínimo curioso acreditar e defender que um jornalista se despe de tudo que é e acredita para se lançar em uma observação neutra da realidade. Jornalistas não são observadores neutros ou passivos; eles são sujeitos ativos na construção da realidade.

**QUESTÃO 01**

São argumentos da autora para a tese de que a notícia não é o espelho da realidade, **EXCETO**:

- a) a impossibilidade de se obter neutralidade no uso da linguagem.
- b) o fato de as verdades serem efêmeras.
- c) a não-existência de uma única verdade para os fatos.
- d) o fato de, ao falarmos/escrevermos, sempre trazermos à tona idéias que não nasceram em nós.

**QUESTÃO 02**

No primeiro parágrafo do texto, encontram-se pistas que podem levar o leitor a concluir que a autora é:

- a) uma jornalista.
- b) uma repórter da Globo.
- c) uma advogada.
- d) uma política.

**QUESTÃO 03**

Todas as alternativas a seguir apresentam argumentos da autora a favor da tese de que o jornalismo não é neutro nem imparcial, **EXCETO**:

- a) São discursos produzidos por seres que não olham de fora a realidade, como observadores privilegiados, mas, antes, se encontram inseridos nela com todas as subjetividades que os compõem.
- b) As narrativas são sempre híbridas no sentido de que se constituem em uma teia de outras narrativas que tomam forma no discurso de quem as produz.
- c) Como explicar, então, o uso de qualificações como gangues, galeras, criminoso e menor em determinadas situações em que seria possível informar sem utilizar tais adjetivos?
- d) De fato, ninguém inventou a violência em São Paulo, o seqüestro do repórter da Rede Globo, a máfia dos sanguessugas, os ataques no Líbano ou, mais recentemente, a compra de dossiês.

**QUESTÃO 04**

Todas as alternativas abaixo trazem recursos/ações comuns no jornalismo, os quais podem exemplificar o **ritual estratégico** a que se refere a autora no texto, **EXCETO**:

- a) busca de mais de uma versão sobre o fato.
- b) uso de adjetivos refinados.
- c) uso da 3ª pessoa.
- d) uso do discurso reportado, em que se traz a voz das fontes.

### QUESTÃO 05

Leia o segmento abaixo, com o qual a autora fecha seu texto:

*Jornalistas não são observadores neutros ou passivos; eles são sujeitos ativos na construção da realidade.*

Com base nesse ponto de vista e nos argumentos que o embasam, somente **NÃO** se pode dizer que a autora esteja assumindo que:

- a) não existe uma realidade pronta, a qual simplesmente se transpõe para o jornal.
- b) os textos jornalísticos constroem a realidade.
- c) a realidade resulta das leituras – sempre subjetivas – dos fatos.
- d) é a realidade verdadeira não é a realidade do jornal.

### QUESTÃO 06

*Defender a tese da notícia como construção da realidade e não como um espelho já rendeu algumas discussões acaloradas com colegas de profissão que não conseguem entender – ou se recusam a refletir sobre – esta história “de inventar a realidade”. De fato, ninguém inventou a violência em São Paulo, o seqüestro do repórter da Rede Globo, a máfia dos sanguessugas, os ataques no Líbano ou, mais recentemente, a compra de dossiês. São fatos, estão ocorrendo e, de certa maneira, têm afetado a vida de todos. Por que, então, insistir na tese de que a imprensa inventa, cria, constrói uma ou várias realidades a partir de suas narrativas?*

Sobre o parágrafo destacado acima, somente **NÃO** se pode afirmar:

- a) Embora o emprego do infinitivo possa ser descrito pela Gramática Tradicional como indicador de sujeito indeterminado, no texto a forma “defender” descreve ação que pode ser atribuída à produtora do texto e, portanto, a um sujeito determinado.
- b) Considerada a argumentação desenvolvida no texto, o referente de “ninguém” pode ser compreendido como “nenhum jornalista”, e não genericamente como “nenhuma pessoa”.
- c) No texto, o sujeito de “defender” é o mesmo de “refletir” e “insistir”.
- d) O uso da 3ª pessoa do discurso, no texto, reproduz uma estratégia típica de gêneros jornalísticos.

### QUESTÃO 07

*Essa compreensão é importante, pois a crença na verdade dos fatos como um dos pilares do jornalismo contemporâneo foi também “uma invenção”, num determinado momento histórico e em um contexto de mudanças e transformações.*

O uso das aspas no período destacado tem, no texto, a função de indicar:

- a) que a forma não está sendo empregada no seu sentido mais corrente.
- b) que o termo é incoerente com o que se descreve.
- c) ironia ou exagero.
- d) que se trata de uma citação.

### QUESTÃO 08

Analise os exemplos a seguir com base no texto lido. Em seguida, responda ao que se pede.

### **Exemplo I**

O sonho de “ver o Brasil crescer e proporcionar um futuro melhor para as crianças” foi mais uma vez adiado por Pedro Saulo da Silva, que pela quarta vez candidatou-se a um cargo público. Apesar de ter distribuído 70 mil santinhos e visitar cidades vizinhas, recebeu 250 votos. Resultado que o deixou satisfeito. “Se for ver como foi meu trabalho, fui bem votado. Enquanto estava de porta em porta pedindo votos, outros estavam com cabos eleitorais trabalhando em vários locais.”

*(Estado de Minas, 05/09/06)*

### **Exemplo II**

#### **TELEFÔNICA NÃO CANCELA LINHA DE USUÁRIO**

O consumidor Paulo de Lima Silva diz que em janeiro deste ano solicitou o cancelamento de seu telefone à Telefônica. No mesmo dia, ele desligou o aparelho e, desde então, vem pagando o valor da assinatura. Mesmo após reclamar, a empresa alega que é preciso que ele envie uma carta pedindo o cancelamento. “Só que não dizem para onde essa carta deveria ser endereçada.” Ele chegou a entrar em contato com a Anatel. “Recebi um telefonema solicitando que fosse paga uma conta para que o telefone fosse cancelado. Por que a atitude não foi tomada anteriormente, me fazendo pagar seis contas telefônicas (em valor aproximado de R\$ 40,00 cada uma)?”

*(Folha de S.Paulo, 23/10/2006)*

Assinale a alternativa que desenvolve reflexão **INADEQUADA** sobre os textos.

- a) Através de dados precisos, tais como nome completo dos envolvidos, endereço e referências temporais, os dois textos mostram o compromisso de trabalhar com fatos reais e informações comprováveis.
- b) Nos textos I e II, o uso de citação e a indicação de fontes são recursos que pretendem promover um efeito de distanciamento entre o produtor do texto jornalístico e o fato noticiado.
- c) Com o uso da 3ª pessoa, promove-se um efeito de objetividade, quebrado, no entanto, com a introdução de segmentos na 1ª pessoa do discurso, como se mostra no exemplo II.
- d) Embora os textos não recorram a muitos adjetivos, a subjetividade emerge através de outros recursos, tais como “mais uma vez”, no texto I, e “mesmo após”, no texto II.

---

TODOS OS ITENS A SEGUIR TRAZEM TRECHOS DE TEXTOS JORNALÍSTICOS. LEIA-OS E RESPONDA, A SEGUIR, ÀS QUESTÕES 09 E 10.

---

I. **A vitória do amor**

Aos 56 anos, o príncipe Charles finalmente vai fazer o que sempre quis: casar com Camilla. (Veja, 16/02/2005)

II. **O que está matando as lontras marinhas?**

A cada semana, os corpos de cinco ou seis desses animais chegam às costas da Califórnia. Existe uma nova lei de proteção, mas ela pode não ser suficiente para deter a tragédia. (*ISTOÉ/TIME*, 18/10/2006)

III. **Fiasco da polícia nas urnas**

Nenhum dos 172 policiais que se candidataram conseguiu se eleger. Para um dos concorrentes, vários servidores só queriam mesmo tirar férias. (Estado de Minas, 05/09/06)

IV. **Colômbia dá exemplo para reduzir violência**

As cidades de Bogotá e Medellín se tornaram laboratórios sobre como prevenir e como combater a criminalidade. Níveis de pobreza ainda são altos, mas essas cidades conseguiram reduzir suas taxas de homicídio em 79% e 90%, respectivamente. (*Folha de S.Paulo*, 15/10/2006)

### QUESTÃO 09

Observa-se marca de imparcialidade:

- a) Apenas no item I.
- b) Apenas nos itens I e III.
- c) Apenas no item III.
- d) Em todos os itens.

### QUESTÃO 10

Todos os trechos apresentam parcialidade/vestígios de parcialidade, **EXCETO**:

- a) [...] *o príncipe Charles finalmente vai fazer o que sempre quis* [...]
- b) [...] *os corpos de cinco ou seis desses animais chegam às costas da Califórnia*.
- c) *Fiasco da polícia nas urnas*.
- d) *Colômbia dá exemplo* [...]

---

AS QUESTÕES DE 11 A 20 DEVEM SER RESPONDIDAS COM BASE NA LEITURA DAS OBRAS INDICADAS PREVIAMENTE.

---

### QUESTÃO 11

Em todas as alternativas, são feitas aproximações adequadas entre as obras indicadas para leitura, **EXCETO**:

- a) *O vestido* e *O vendedor de passados* → resgate memorialístico de episódios da vida dos personagens-narradores.
- b) *José Matias* e *O vendedor de passados* → tributo ao escritor português Eça de Queirós.
- c) *José Matias* e *O vestido* → temática voltada para as variadas facetas do amor.
- d) *Eles eram muitos cavalos* e *O vendedor de passados* → engajamento, denúncia política e social.

### QUESTÃO 12

Sobre as relações intertextuais estabelecidas nas obras indicadas para leitura, é **INCORRETO** afirmar que:

- a) ***O vestido***, de Carlos Herculano Lopes, faz uma paródia ao poema “Caso do vestido”, de Drummond, subvertendo-lhe a atmosfera conservadora e ironizando sua perspectiva romântica e feminina.
- b) Em ***Eles eram muitos cavalos***, o jogo intertextual faz-se sobretudo pela incorporação de diferentes gêneros textuais ao corpo da narrativa.
- c) Em ***José Matias***, a transcrição de versos e a referência a diversos autores e obras ajudam na composição do ambiente, na configuração dos personagens e na caracterização da época em que transcorrem os eventos narrados.
- d) ***O vendedor de passados*** traz uma série de referências a autores e obras literárias, até porque o gosto pela literatura é traço que aproxima os personagens Eulálio e Félix Ventura.

### QUESTÃO 13

Sobre o narrador de *José Matias*, de Eça de Queirós, é **CORRETO** afirmar que:

- a) compartilha com José Matias a visão espiritualista do amor.
- b) relata a vida do protagonista como um caso estudado do ponto de vista filosófico.
- c) narra de modo imparcial os fatos ocorridos, embora se manifeste em primeira pessoa.
- d) testemunha os eventos que narra, sem contudo manter qualquer contato com os protagonistas.

### QUESTÃO 14

“O amor espiritualiza o homem”, afirma o narrador de *José Matias*, de Eça de Queirós.

São fatos que demonstram a natureza espiritualizada do amor de José Matias por Elisa, **EXCETO**:

- O protagonista recusa a se casar com Elisa quando ela fica viúva de seu primeiro marido, refugiando-se na cidade do Porto para evitar o contato com ela.
- Matias sofre pelo fato de um outro homem, no caso o Torres Nogueira, segundo marido de Elisa, estar a profanar o corpo daquela que ele venerava.
- Quando Elisa enviúva pela segunda vez e passa a manter em sigilo um amante, José Matias segue o homem todos os dias pelas ruas de Lisboa a fim de, pelo bem da amada, fiscalizar se ele a traía.
- José Matias dissipa toda sua fortuna, até atingir os limites da miséria, na tentativa de satisfazer os desejos materiais de Elisa, sem nunca exigir dela nenhuma retribuição por essas demonstrações de afeto.

### QUESTÃO 15

Em *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato, cada um dos capítulos é uma narrativa, um minitexto fechado em si mesmo, com protagonistas e ação próprios. Por que, então, chamar esse conjunto de "romance"?

Todas as alternativas oferecem uma resposta adequada a essa pergunta, **EXCETO**:

- Porque a reunião de todas essas narrativas compõe um quadro vivo da metrópole que é São Paulo, fazendo dela a protagonista maior do livro.
- Porque o tempo articula cada uma das narrativas em uma só: trata-se do relato de acontecimentos transcorridos ao longo de uma terça-feira do mês de maio do ano 2000.
- Porque, antes de mais nada, o enfoque geral da obra recai na questão da natureza romântica das ligações amorosas que se tecem no universo das grandes cidades.
- Porque, de alguma forma, os episódios reincidentem em certos temas que são os grandes temas da vida numa metrópole.

### QUESTÃO 16

Sobre a linguagem de *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato, é **INCORRETO** afirmar que:

- assume traços típicos da linguagem poética, explorando ritmos e sonoridades, bem como recursos tipográficos e variadas formas de disposição dos textos no papel.
- caracteriza-se pela combinação de registros lingüísticos, valendo-se tanto dos traços típicos da linguagem oral e cotidiana como de termos e expressões mais sofisticados, para configurar adequadamente personagens e contextos.
- é nitidamente metalingüística, pois espelha em sua irregularidade o caos urbano que o romance intenta descortinar.
- marca-se pela fragmentação, desde o nível da frase até o da organização geral da obra, inclinándose freqüentemente para as estruturas enumerativas.



**QUESTÃO 17**

Sobre *O vendedor de passados*, de José Eduardo Agualusa, é **INCORRETO** afirmar que:

- a) a idéia, sobre a qual se sustenta a trama, de que a memória é uma construção instável e de caráter ficcional é desconstruída pelo desfecho e pelas reflexões finais do narrador.
- b) a voz narrativa altera-se no capítulo final, quando o romance assume a configuração de outro gênero textual: o diário.
- c) há certo jogo de espelhamento na caracterização dos personagens, pois Félix Ventura e Eulálio fogem da luz, opondo-se simetricamente a José Buchmann e Ângela Lúcia que, como fotógrafos, vivem dela.
- d) na composição da obra, observa-se claramente a contribuição de outras culturas de língua portuguesa, além da própria cultura de Angola, país de origem do autor.

**QUESTÃO 18**

Releia a epígrafe, de *O vendedor de passados*:

---

*“Se tivesse de nascer outra vez escolheria algo totalmente diferente. Gostaria de ser norueguês. Talvez persa. Uruguai não, porque seria como mudar de bairro.”*

*- Jorge Luís Borges -*

---

A epígrafe de Borges, em sua relação com o romance de José Eduardo Agualusa, só **NÃO** pode remeter:

- a) ao fato de o narrador-personagem ter tido uma vida anterior e ter renascido como algo totalmente diferente.
- b) ao desejo, manifestado pelos clientes de Félix Ventura, de construir para si um passado que lhes empreste outra origem e identidade.
- c) à atividade profissional de Félix Ventura, que cria genealogias falsas para seus clientes.
- d) à negação da condição negra e africana, manifestada simbolicamente pelo fato de um dos protagonistas do romance ser albino.

### QUESTÃO 19

Segundo Ruth Silviano Brandão, em sua reescrita do poema de Drummond, o romance *O vestido*, de Carlos Herculano Lopes, cria “uma outra leitura, pelo viés da diferença crucial dada à função de alguns elementos do texto”.

Em todas as alternativas destaca-se adequadamente a diferença de função dos elementos textuais apontados, **EXCETO**:

	Elemento	Poema	Romance
a)	<b>O Diálogo entre mãe e filhas</b>	Faz-se de modo velado, submisso à opressão do pai.	Faz-se abertamente, em confronto à opressão exercida pelo pai.
b)	<b>O vestido</b>	Pertence à outra.	Transita entre as protagonistas.
c)	<b>As mulheres protagonistas</b>	Encarnam a oposição entre santa e pecadora.	Igualam-se no seu amor e desejo.
d)	<b>O espaço e o contexto de época</b>	Impreciso.	Determinado: cidades de Minas Gerais na época da ditadura Vargas.

### QUESTÃO 20

Sobre as estratégias de narração em *O vestido*, de Carlos Herculano Lopes, a afirmativa **INCORRETA** é:

- Ângela narra os episódios em primeira pessoa, reportando-se freqüentemente às suas filhas, ouvintes da história, por meio da expressão “vosso pai”.
- Em sua narrativa, Ângela inclui episódios aos quais só teve acesso posteriormente, quando da leitura do diário de Bárbara.
- Ao privilegiar suas próprias reações e sentimentos, Ângela converte a narrativa num relato intimista, em que os fatos são poucos e ficam em segundo plano.
- De modo direto ou indireto, é freqüente a incorporação de falas de outros personagens ao discurso da narradora.

## PRODUÇÃO DE TEXTO

[...] “o Brasil não tem imprensa escrita, e sim boletins político-ideológicos que se dedicam a defender os interesses das minorias privilegiadas da população. E isso explica o fato de este país ser o quarto mais desigual do mundo, sendo precedido apenas por três países africanos miseráveis. E essa realidade exige que o democrata, aquele que quer ver este país civilizar-se e se democratizar, proponha que se debata como dotá-lo de veículos de imprensa que representem o conjunto da sociedade em lugar de meia dúzia de gatos pingados que nadam em dinheiro.”

(Eduardo Guimarães, em [observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp](http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp). Acesso em 16 out 2006.)

### Ditos&Pitos

“Até entendo que escrevam o que escrevem para vender veículo. Minha vida dá boas manchetes, eu sei. Mas muitas vezes o que se lê sobre mim é invenção completa.” *Madonna*

“Repito, logo provo.” *Técnica de persuasão citada pelo comunicólogo Lucien Stez*

“A imprensa é a luz da liberdade.” *John Milton (1608--1674), poeta inglês*

“É melhor uma imprensa com excessos do que nenhuma imprensa.” *José Roberto Marinho, vice-presidente das Organizações Globo, no Programa Roda-Viva, 10/6/1960*

(<http://igutenberg.org/ditos.html>, acesso em 16 out 2006.)

### INSTRUÇÕES:

**R**edija um artigo de opinião, a ser veiculado no mesmo jornal em que Marcilene Forechi publicou seu texto, procurando dialogar com as idéias nele contidas bem como com trechos que aparecem transcritos acima.

Para essa tarefa, você deverá assumir ou o ponto de vista de um jornalista ou o de um leitor assíduo de jornais e revistas da imprensa nacional, discordando ou concordando com a posição da autora e/ou com as idéias trazidas nos trechos transcritos.

Em outras palavras, você deverá se posicionar contra ou a favor da seguinte idéia: **A imprensa inventa, cria, constrói uma ou várias realidades a partir de suas narrativas.**

Seja qual for a sua escolha, arrole e desenvolva argumentos compatíveis com o ponto de vista enunciado assumido (jornalista ou leitor), com a posição defendida e com a natureza do texto a ser produzido. Procure usar o padrão lingüístico adequado a essa situação.

